

Chavez não é tão feio quanto o pintam

Luiz Eça

Correio da Cidadania, 12.8.10

Nas últimas semanas, nossa grande mídia tem caprichado nos ataques ao general Chavez. Diariamente, sucedem-se matérias que, além das habituais críticas aos atritos com a imprensa opositora, anunciam uma crise terrível, que atestaria o fracasso talvez definitivo do governo venezuelano. Baseiam-se em dados alarmantes. Em 2009, a inflação venezuelana foi de 25% e o crescimento de menos 3,3%, sendo que neste ano se prevê repetição do crescimento negativo e da inflação, a qual poderia chegar a 40%. Os números são verdadeiros, mas, quanto à conclusão, tenho alguns reparos a fazer.

Como se sabe, a economia da Venezuela depende, e muito, da exportação do petróleo (90% do total das exportações). Foi profundamente afetada pela recente crise mundial, que reduziu o preço do petróleo de cerca de 120 para 40 dólares o barril. Diante dessa situação, o governo adotou uma política extremamente conservadora, tipo FMI. Ao invés de estimular os investimentos (como fez o Brasil com sucesso), tratou de cortar despesas, o que trouxe recessão. Somou-se a isso uma grande seca, absolutamente sem precedentes, no país, que gerou falta de energia e graves paralisações das atividades industriais, mais uma política errada de supervalorização do bolívar (moeda local) que encareceu e reduziu as exportações, e o resultado foi crescimento negativo e aumento da inflação.

Apesar disso, estes dados estão longe de configurar uma crise de vastas proporções, semelhante à da Grécia. De fato, enquanto os gregos gemem sob um déficit público de 115% do produto interno bruto, o índice do país de Chavez, em 2009, foi de apenas 19,9% - bem melhor do que o índice médio da União Européia, que chega a 79%. E esse bom estado das finanças venezuelanas garante ao governo a obtenção de empréstimos, se necessário, como aconteceu, recentemente, quando a China adiantou 20 bilhões de dólares, por conta de futuras entregas de petróleo.

Quanto à economia, as perspectivas de recuperação são positivas. O governo corrigiu sua política errada de contenção e volta a investir no desenvolvimento. Entre outras ações, iniciou um grande plano para aumento da geração de energia elétrica, aplicando 6 bilhões de dólares. Com o fim da crise mundial, o preço do petróleo que era de 40 dólares/barril em 2009, neste ano subiu para 82 dólares, em julho. Isso dará maior fôlego para os planos de expansão da economia venezuelana. Espera-se que as previsões sombrias de crescimento negativo de 3,3% e de inflação entre 25 e 40% sejam, pelo menos, aliviadas.

A médio prazo, a Venezuela tem boas condições de deslanchar, voltando a apresentar taxas de crescimento semelhantes às dos 10 primeiros anos do governo Chavez, quando sua média superou 10% anuais. Recursos, parece que não faltarão. A U.S. Energy Administration projetou que os preços do petróleo deverão atingir 98 dólares/barril em 2020. Ótimo para a Venezuela cujas reservas petrolíferas são, depois das últimas descobertas, as maiores do mundo, atingindo uma estimativa de 500 bilhões de barris. O governo Chavez, presentemente, estuda propostas de empresas estrangeiras para explorações em joint venture com o Estado venezuelano.

Mesmo no período do segundo semestre de 2008/2009, em que o governo teve suas receitas minguadas pelos reflexos da crise mundial, a redução dos gastos não chegou a área do bem estar popular. Chavez continuou aplicando 40% do orçamento (3 vezes mais do que o governo anterior) na área social. Programas como construção em massa de casas populares, armazéns do povo, vendendo produtos mais baratos, expansão constante da assistência médica nas favelas e outros bairros carentes, criação acelerada de escolas na periferia – com 3 refeições para as crianças E água tratada e saneamento básico foram levadas a extensas massas populacionais.

Assim, contrapondo aos sinistros números econômicos citados acima, o Governo pôde apresentar números sociais bastante positivos. O desemprego foi mantido sob controle, em 8,2%, índice muito bom se comparado com outros países da região como a Colômbia, tão elogiada pela grande mídia, que obteve apenas 12,2% nesse quesito. A pobreza, que atingira 54% dos venezuelanos, em 1999, início do governo Chavez, chegou a 23%, em 2009, ano em que a pobreza extrema foi reduzida em 72%. Ainda nesse crítico ano de 2009, a Venezuela continuou com a melhor performance em termos de desigualdades sociais na América Latina: os 20% mais ricos detendo menos de 40% da riqueza nacional. Em plena crise, o salário-mínimo continuou o mais alto da América Latina. E no mês que vem, subirá ainda mais, a 521 dólares, para recuperar o poder de compra da classe trabalhadora, afetado pela alta inflação. Na Educação, com recessão e tudo, o governo não alterou os 6% do orçamento habitualmente gastos nessa área (nos países ricos, a média é 3,9%), responsáveis pelo índice de 93% da população alfabetizada – mais do que no Brasil, México e Colômbia.

Todos esses dados são animadores mas não se pode subestimar a alta inflação e a recessão econômica que ainda não foram vencidas. A grande mídia apontou incompetência, empreguismo e socializações desordenadas como causas da presente situação difícil. Talvez tenha alguma razão, embora haja dúvidas sobre alguns desses fatores ou pelo menos das cores exageradas com que foram pintados. No entanto, a mídia ignorou os fatos positivos da realidade venezuelana e nega-se a admitir possibilidade da recuperação econômica do país de Chavez. As grandes empresas jornalísticas, tão ciosas da liberdade de imprensa, deveriam lembrar que essa liberdade se justifica na medida em que seja cumprida sua missão de informar, sem omissões ou distorções. No caso de governo Chavez, passar um retrato fiel, evitando a tentação da caricatura ou de retoques que o façam ficar parecido com Frankenstein.